

A ESCOLA COMO UM *LOCUS* DE SOCIALIZAÇÃO: LIBERTAÇÃO OU ALIENAÇÃO?

Sonia Maria do Nascimento*

RESUMO: O presente trabalho justifica-se no instante em que a sociedade possa reconhecer a escola como um *locus* de socialização, libertação, respeito e formação de cidadania e, não mais, um espaço segregador, hierárquico e de alienação. Sabe-se que na escola a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, como também tem passado a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais, assim questiona-se aqui: quais são esses valores e são advindos de qual classe social? E quais são os veículos mediadores para passar essa realidade social para essas crianças? Foram referenciais teóricos estudos de autores como: Charlot B (1979 e 2013); Saviani D. (1980 e 1983); Miranda (1983); P. Bourdieu (2009) et.al. A metodologia aplicada para o desenvolvimento deste artigo foi por meio de pesquisa bibliográfica, esta fundamenta e colocada o pesquisador próximo de teorias que o levam a refletir, entender e compreender o tema estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Escola. Educação. Socialização.

INTRODUÇÃO

“Os nossos mestres atuais da ordem mundial – curiosamente agora fustigados pelo acaso que recusam – não sabem olhar para as crianças. São elas, as ‘criativas’, as que brincam com o acaso e entram no caos, dançando. E que, a cada instante criam um novo jogo, uma nova criança, um novo mundo. São livres. E se o nosso mundo sai invariavelmente torto do mundo delas é porque nós – e os nossos mestres da ordem mundial – não sabemos olhar com atenção os seus movimentos, os seus jogos e ouvir as suas palavras. Elas não vivem antinomias. Não estamos à altura das crianças” (José Gil, 2009).

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa realizar uma investigação a respeito da criança e infância e, também sobre o processo de socialização da criança na escola: quais são os registros de evolução da condição da criança e também os desafios e complexidades apresentadas até o momento.

As questões relacionadas à socialização da criança na escola têm sido motivo

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no semestre letivo 2018/2.

de muitos estudos e debates de cunho explicativos e regulamentares por parte dos pedagogos, sociólogos, psicólogos dentre outros, diz Miranda (1983), porém, os diferentes pontos de vista teóricos e metodológicos são edificados levando em conta concepções já definidas, sem nenhum questionamento ou redefinição do que seja: infância, escola e sociedade.

Desse modo, a escassez de análises crítica sobre estes assuntos, certamente outorgará a esta abordagem uma visão subjetiva de criança e escola. Tem-se então, a construção de uma “natureza infantil” e do papel socializador da educação, separado do seu caráter histórico e socialmente definido, possa reduzir a teoria a uma destinação formal e ideológica, resultando assim em prejuízo para a criança.

Assim, a tutela de criança tem sido um debate recorrente em diferentes épocas e cenários sociais. Sabe-se que, todos esses desafios do passado, em que famílias por diversos motivos achavam-se impossibilitados de cuidar de maneira integral das crianças, e mesmo havendo leis federais que garantem os direitos da criança e do adolescente, a sociedade brasileira ainda fica muito a desejar no trato, convívio e cuidado com suas crianças.

Os cuidados que poderiam ser considerados legais em relação à criança e ao adolescente deram início no século XVIII, porque passou a ser de responsabilidade do Estado. Porém, nesses três séculos não houve grandes e importantes avanços e nem celeridade das leis vigentes em relação à criança.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece: *A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.* Diante desta afirmativa questiona-se e busca-se solução para os seguintes questionamentos: A sociedade menos escolarizada tem sido esclarecida destes direitos e sabem onde buscá-los? A escola tem sido um *locus* de socialização ou alienação? E como tem sido o processo de socialização e evolução da criança da escola pública?

No interior da proposta geral deste artigo delinearam-se os objetivos específicos, os quais somados as categorias de análises foram marcando o caminho a ser percorrido e os elementos a serem evidenciados e analisados.

A pesquisa bibliográfica é uma metodologia do pensamento reflexível e requer um tratamento científico cuidadoso, e se constitui também num caminho capaz de descobrir verdades parciais. Continua a autora: a metodologia bibliográfica significa muito mais do que uma simples investigação para descobrir verdades a respeito de

um eixo pesquisado. Ela vai além e é capaz de surpreender o pesquisador. Ou seja, é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite a descoberta de novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento (MARCONI; LAKATOS, 2009).

A opção por uma pesquisa bibliográfica se deu pela necessidade de elaboração de um trabalho científico com conteúdo que encerrasse diversos e importantes olhares e entendimentos sobre a temática em estudo, e que proporcionasse ao leitor aprendizado substancial quando de sua consulta.

Com o presente estudo pretende-se contribuir para ampliar os estudos, divulgação e mais entendimento sobre esta temática “A Escola como um *Locus* de Socialização: Libertação ou Alienação? Que, segundo a literatura aqui pesquisada é de grande relevância.

1 A ESCOLA: ESPAÇO SOCIAL E DE SOCIALIZAÇÃO

A história da infância no Brasil tem mostrado legalmente os direitos e deveres do Estado em relação à criança (BRASIL, 1988), como também tem reconhecido a educação infantil como componente fundamental da educação básica (BRASIL, 1996), e esses atos legais significam alguns avanços. Porém, na prática o papel que a escola tem ocupado ao longo de sua história, tem sido complexo e até desviante de sua função que deveria ser de espaço social, de socialização e de formação de cidadania.

Em relação da escola como um *locus* de adaptação e inadaptção, basta um olhar pedagógico mais criterioso para as evidências aclararem-se cada vez mais e de diversas formas e ações, concluindo-se que muitos procedimentos e práticas educativas, ainda continuam a serviço dos interesses das classes dominantes. E, o mais preocupante, é que tais práticas estão devidamente inseridas na escola, instituição especializada e responsável pela educação de nossas crianças.

A escola foi fundamentada sob a égide da ideologia dominante, assim pode-se afirmar que ela é uma instituição que oculta e justifica as realidades sociais, e, sobretudo a dominação de classe, desse modo, pode-se questionar sobre o verdadeiro sentido/benefício da escolarização, no que diz respeito à libertação ou alienação Charlot (2003, p.217).

Assim, a escola continua a difundir um saber arcaico e fossilizado capaz de ignorar os avanços do mundo globalizado; seu potencial de informação é limitado contraposto aos meios de informação de massa; a transmissão verbal dos conhecimentos de uma pessoa para a outra, também está desatualizada, em face das novas técnicas de comunicação, bem como a produtividade econômica da escola, aparenta, assim insuficiente.

No olhar crítico de Bourdieu (2009, p.840) a instituição escola encontra fundamentação em dois aspectos indissociáveis: a divisão da sociedade global em classes sociais, definidas em uma interpretação inerte e desigual e por outro lado a falta de unificação da sociedade, pois ela é composta por muitos campos sociais dispares e sua continuidade e dinâmica têm haver com os jogos dos participantes.

De maneira que, a escola como espaço social e de socialização voltados para a criança é preciso ser redefinido e reavaliado deixando de ser assim, dual e inadequado a uma parte da sociedade mais carente e por outro lado adaptada demais aos interesses e ideais das classes dominantes, que por sua vez, dita e padroniza verdades e comportamentos desiguais e selecionadores como verdades axiomáticas.

Sabe-se que, e, é até mesmo compreensível que a escola da atualidade, frequentemente não se encontre integrada à sociedade moderna, porém é público e notório que esta mesma escola por vezes inadequada, vem sendo ao longo de sua história adequada demais aos interesses e necessidades das classes dominantes. Por pressuposição, pode-se afirmar também diz Charlot (2002) que:

- a inadaptação da escola à sociedade, certamente permitirá educar a criança aparentado as injustiças sociais;
- essa inabilidade protege a criança contra as injustiças sociais e os modelos sociais dominantes;
- já a adaptação da escola à sociedade só contribui para a transmissão da ideologia dominante;
- essa adaptação permite à criança perceber e recriminar a injustiça e as desigualdades sociais (CHARLOT, 2003, p. 217).

Desse modo, é humanamente impossível e bastante complexo, portanto, por mais que sejam entendimentos subjetivos não é correto nem seguro o uso de malabarismo com as ideias de adaptação e de inadaptação, precisar o ponto certo em que a escola é um locus de libertação e inclusão ou em que ela é exatamente o contrário, ou seja, um espaço que exclui.

Sabe-se que, todos esses obstáculos que a escola tem passado encerram-se e traduzem-se nas deliberações políticas dos quais a escola tem sido agente. Assim, aqueles que defendem o intelectualismo e o formalismo escolar são contrários a toda ligação com o mundo industrial capitalista. Assim, também acontece com a moldagem da escola com a sociedade, justificativa importante de todos aqueles que querem uma renovação pedagógica, com objetivos de estreitar o conservadorismo pedagógico e social.

Louis Gros¹ fala sobre plano Rouchette:

Suprimida da realidade e a aceitação pela criança de uma hierarquia e de uma autoridade, liberando-a da evidência da necessidade de regras, ela transporá necessariamente essa liberação, da expressão, primeiro, para todas as relações que essa microssociedade que é a classe composta, depois para o meio onde vive e, enfim, para a sociedade, onde será amanhã, por fidelidade ao que foi em classe, uma inadaptada social e uma contestadora sistemática

É urgente que a escola se adapte à realidade e não o aluno, parte chave e importante, mas que de certa forma, tem sido vitimado por normas, tradições, hierarquias e autoridades mantidas na história dessa instituição. Dessa forma, o que está em questão aqui é a boa e desejável articulação entre sociedade e escola, diz Charlot (2003, p. 219). Pois, a escola não está aqui, para simplesmente reproduzir a realidade social ou isolar-se completamente dessa realidade, mas fazer parte da mesma e transformá-la e melhorá-la sempre que for necessário.

Assim, no momento em que se iguale a uma cultura, bem como a uma pedagogia edificadas em ideologias, passa-se a esperar que a escola, tenha sim postura e função ideológica, porém é necessário investigar se realmente ela circunscreve a essa atribuição ideológica, o que resultaria em sua retirada ou o desempenho de um papel não ideológico.

Sabe-se que a visão pedagógica da cultura é ideológica, porém isso não é em si suficiente para renunciar toda cultura humana. O julgamento e entendimento pedagógicos da criança são sempre baseados em ideologia, mas isso não exclui a inevitabilidade de ajudar a criança a tornar-se adulto, diz Charlot (2003, p. 220), o que é explicitado e inegável, mesmo que alguns reclamem a necessidade de uma revisão

¹ Presidente da Comissão Senatorial dos Assuntos Culturais. Observateur, France, n.373, p.30, jan.1972.

completa da percepção de adulto. Na atualidade a escola tem preenchido uma função ideológica, mas isso seria razão suficiente para declarar que ela é inevitavelmente ideológica e capaz de reclamar a sua abolição? Assim, para a resposta deste questionamento, faz-se necessário analisar as questões sobre as relações entre escola e sociedade e, assim, poder afirmar ser a escolarização é libertação ou alienação.

2 A ESCOLA: *LOCUS* DE PROTEÇÃO DA CRIANÇA

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. (Sarmiento, 2004).

2.1 A Escola

Na sociedade grega, com base em uma estrutura social desigual a palavra escola surgiu com o significado de *ócio*, *lazer*, para os filhos daqueles que não precisavam trabalhar e não eram escravos, assim era lhes reservada a escola como uma premiação de descanso e lazer. A escola oferecia o “*ócio com dignidade*”. Desse modo, a escola nasce com um caráter totalmente elitista. [...] a vida sedentária, a posse de bens e a tradição são as inferências da cultura aristocrática (JAEGER, 1967, p.22. apud PIMENTA; GONÇALVES, 1992).

Os povos mais remotos acreditavam que a educação e a cultura não integravam uma arte formal ou uma teoria mais subjetiva separadas dos fundamentos históricos e concretos da vida de uma nação. Nesta linha de pensamento a escola² pública, essa que queremos e lutamos por ela, segundo Pimenta; Gonçalves (1992) precisa ser bem mais evidenciada no cerne da estrutura histórica deste país na atualidade (p.82).

De modo que, os povos primitivos viam a educação apenas como uma única função que era a de transmitir os conhecimentos e técnicas (trabalho) desenvolvidos cotidianamente, na luta para dominarem a natureza e terem a seu serviço. Essa era uma estratégia de subsistência das gerações mais velhas passadas para as mais novas, assim o pensar e o fazer dos indivíduos, dessas comunidades concluía-se no labor de todos pela sobrevivência.

² A escola que tratamos aqui é o local onde ocorre a educação sistemática e intencional (Ibid.p.82).

2.2 O Papel Social da Escola

O papel social da escola, segundo Libâneo (2006) têm sido bastante analisáveis e questionáveis todos os feitos nas esferas intelectuais e institucionais no campo educacional, referentes à situação complexa e obscura da escola pública brasileira. Já no campo externo pesquisas mostram a fluidificação e a inutilidade dos objetivos, alvos e formas de funcionamentos. No campo interno não faltam as adversidades no que diz respeito o papel socializador da escola, visto que ela disputa com outras áreas de socialização, como o mercado cultural, as mídias, o consumo, dentre outros.

Assim, correm no campo educacional inúmeras solicitações concernentes às funções e atribuições da escola. Contudo, muitas delas são propostas desconformes, atrasadas e até absurdas. São posições que indicam o dualismo da escola no Brasil, onde em uma ponta estaria a escola com qualidade a serviço da classe alta, e em outra a escola do acolhimento social³ e da integração social, voltadas às pessoas em situação de pobreza.

Segundo Bourdieu (1999) as verdadeiras ferramentas e objetivos determinantes para a função social da escola sintetizam em: prosseguir com as desigualdades e a reprodução das classes sociais.

Ainda no entendimento de Bourdieu (1975, p. 198) a forma de outorgar as pessoas esperança de vida escolar de forma rigorosa e mensurada pela sua posição social, a escola acaba operando uma seleção que assegura e consagra as desigualdades reais. Assim, colabora para perenizar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima.

No entendimento de Miranda (2005) a escola pública está exclusivizada e restrita a espaços e tempos concretos e imutáveis e mostra também, com bastante clareza as dificuldades de adaptação a novos domínios e a diferentes etapas, bem como de oferecer mais conhecimentos validados para toda vida operante do sujeito. Além disso, o fracasso que vem ocorrendo na escola tradicional atribui-se, também à sua lógica de ação, baseada na cultura livresca descompromissada com a realidade do educando.

Vê-se claramente, que os objetivos da educação e da escola estão sendo destorcidos, ou seja, o ofício da socialização passa a significar apenas convivência,

³ A escola para o acolhimento social tem a sua origem na Declaração Mundial sobre Educação para Todos, de 1990, e em outros documentos produzidos sob o patrocínio do Banco Mundial.

compartilhamento cultural, práticas de valores sociais em detrimento do saber científico e da cultura conservada pela humanidade.

Assim, fica cada vez mais improvável a compreensão de uma escola desassociada da sua função na sociedade. Isso porque, a educação só é verdadeira e com tem sentido, quando voltada a real transformação da sociedade injusta, desigual sobre a qual está firmada.

2.3 Criança e Infância

O vocábulo infância, da mesma maneira que se imagina na atualidade, remete-se a ideia de família, de cuidar e de desenvolvimento da educação escolar. O pensamento moderno de infância foi fixado socialmente pela organização social capitalista, visando os interesses de uma classe progressiva, a burguesia. Entretanto, o ideário sobre infância que se desenvolveu e chegou até aqui, não representa o seu fundamento histórico. Contrariamente, suprime-o ao se estabelecer como se fosse uma concepção eterna, universal e natural.

Para Sarmiento (2005), todas as transformações sociais em circunstância à infância apresentam-se sempre elencadas e sob o comando restrito do espaço-tempo das crianças; nas viabilidades e nas condições relativas de vida; no desenvolvimento físico; nos vínculos intergacionais; nos dispositivos acessíveis e, como também, nas práticas sociais.

Assim, em pleno século XXI continua incoerente a situação do tratamento sociológico sobre a infância. Ainda que, tenha se elevado o número de discussões, conscientizações, políticas demográficas, diminuição da exclusão e da pobreza, leis amparadoras da infância e juventude e da grande midiaticização de ocorrências associados à infância, e considerando ainda os mais novos avanços científicos da área, a Sociologia da Infância afirma que ainda é tímido o reconhecimento da temática “infância⁴”

Sabe-se que, diferentemente da criança, dos tempos mais antigos, que conviviam em todos os momentos com os adultos, diz Charlot, (1971, p.111) passa a ser afastada dessa vida em comum. Desse modo, ela perdeu a oportunidade de

⁴ O exemplo mais claro desse descaso foi que o mais recente manual internacional de Sociologia (Calhoun, Rojek e Turner, 2005), não dispensou nenhuma atenção à infância a não ser umas discretas referências no capítulo dedicado à pobreza (Conley, 2005).

deliberar sobre qualquer assunto de seu interesse ou mesmo dentro da trivialidade do mundo infantil, ou seja, foi preterida do processo de criação, as festas, e jogos foram diferenciados, ficando apenas para a criança a condição de simples consumidora de produtos e ideias retratadas tão somente pelos adultos. Torna-se, então, um ser cuja situação social é rejeitada, devido a sua segregação econômica, política e social.

A imagem moderna da criança, no entendimento de Charlot é definida por meio de adjetivações e antíteses, ou seja, inocente e má, imperfeita e perfeita, dependente e independente, herdeira e inovadora (idem, p.101). Assim, essa díade característica da criança tem sido evidenciada pela sua própria natureza infantil. A criança não teria as ferramentas adequadas para enfrentar o mundo, sendo assim ela é naturalmente inocente e má. Tem-se aqui a ideia da infância como um fato natural e não social, para justificar a sua dessemelhança social, enquanto um indivíduo à margem do processo de produção.

A criança é um ser que independe de sua origem social para poder passar pelo processo de amadurecimento biológico, processo esse, em que seu desenvolvimento depende da interposição do adulto. Todavia, essa intercessão acontecerá sempre de maneiras diferentes e até mesmo opostas conforme a condição social da criança. A sociedade capitalista é delineada pelas relações especificadas pelas classes sociais adversas e assim, a genealogia da criança define a condição exclusiva de infância. Desse modo, não existe, portanto, uma natureza infantil, porém uma exigência de ser criança. Portanto, a dependência da criança é uma circunstância social e não um fato natural.

Para Charlot (1971, p.128) as distinções existentes entre natureza e condição infantil podem determinar e elucidar a aplicação ideológica da ideia de natureza infantil para a ocultação e invisibilidade das diferentes condições que são submetidas às crianças, devido a sua origem de classe. Já em relação do que é natural na criança conjectura-se que a igualdade de todas as crianças, a concepção de uma criança subjetiva.

Assim, na educação pode-se nitidamente separar dois pareceres diferentes de crianças na pedagogia tradicional e na pedagogia nova. As duas detêm a ideia de natureza infantil. Segundo Charlot, ambas tratam a criança do ângulo de sua “educabilidade e de sua corruptibilidade”, mesmo que essa concepção de corrupção seja na sua totalidade diferente (idem, p.116).

A pedagogia tradicional procura firmar-se no discurso, de que a criança é a imagem do que ela deverá ser se for devidamente educada. Contrariamente, será presa fácil de toda espécie de corrupção e mal. Assim, é função da educação trabalhar com normas e assuntos edificantes e princípios sadios que sejam capazes de contrariar a sua natureza primitiva. Porém, a pedagogia nova tem a criança como um ser pleno, capaz de a auto - realizações em cada fase de desenvolvimento. E, portanto, a criança naturalmente boa e pura será corrompida se não for protegida e respeitada. De forma que, nas duas visões pedagógicas a criança é, portanto, delineada como um tempo negativo ou tempo positivo de uma natureza infantil.

Entende-se que, mesmo que sejam inquestionáveis as colaborações e reforço da pedagogia nova para uma perspectiva mais adequada da criança, ela realmente não escapa de uma visão naturalista e biológica da infância, não levando em consideração a sua condição histórico-social.

Para Saviani (1983) a tarefa primordial da nova escola será sempre a de promover a reparação e combate da marginalidade na medida, em que contribuir para o estabelecimento de uma sociedade em que os seus membros, não importam com as diferenças de quaisquer tipos, se acolhem mutuamente e se aceitam em suas individualidades específicas.

CONCLUSÕES

Buscou realizar neste artigo tecer alguns comentários (críticos) sobre a escola e, também, questioná-la se ela tem sido realmente um locus de socialização, libertação ou de alienação.

Assim, as reflexões apresentadas até aqui, por meio de pesquisa bibliográfica tiveram o objetivo de nortear um debate a respeito da temática acima citada.

Para tais esclarecimentos buscou-se apoio científico na literatura publicada sobre o tema em questão.

No decorrer da história da nação brasileira e da criança a escola sempre legislou a serviço dos interesses capitalistas e, assim, menosprezou as desigualdades sociais e as situações excludentes das crianças tão presentes na instituição escola.

Para Bourdieu (1975) os esforços foram sempre tímidos e mesmo havendo algum avanço em favor do indivíduo, as desigualdades de sucesso permanecem na escola por causa da disparidade na herança cultural e por causa da reprodução das

relações capitalistas que têm intercorrido durante os anos as quais comprovam as desigualdades.

E já no nível de conclusões, chama-se a atenção para a urgência e necessidade de rever os pareceres sobre criança e infância. Defende-se, neste espaço que a escola e a sociedade precisam aprender mais sobre criança e infância. Infere-se, assim, que o trabalho pedagógico efetuado seja resultado de quem deduzimos que seja a criança.

ABSTRACT: The present work is justified at the moment when society can recognize the school as a locus of socialization, liberation, respect and formation of citizenship, and no longer a segregating, hierarchical and alienating space. It is known that at school the child lives a qualitatively distinct process of socialization, but also has internalized new content, behavior patterns and social values, so it is questioned here: what are these values and come from which social class? And what are the mediating vehicles to pass on this social reality to these children? Theoretical references were studies by authors such as: Charlot B (1979 and 2013); Saviani D. (1980 and 1983); Miranda (1983); P. Bourdieu (2009) et.al. The methodology applied for the development of this article was through bibliographical research, this foundation and placed the researcher close to theories that lead him to reflect, understand and understand the subject studied.

KEYWORDS: Child. School. Education. Socialization.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Escola Conservadora:** as desigualdades frente à escola e à cultura. In BOURDIEU, P.; PASSERON J. **A Reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BOURDIEU, Nicolas. **Estética Relacional.** (Coleção Todas as Artes) Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Martins, 2009.

CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica.** Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Cortez Editora, São Paulo, 2013.

CONLEY, Dalton (2005), "Poverty and Life Chances: The Conceptualization and Study of the Poor", in Calhoun, Rojek & Turner (ed.). **The Sage Handbook of Sociology.** London. Sage

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. Editora Atlas, 7. ed. São Paulo: 2009.

MIRANDA, Marília Gouveia de. **Do Cotidiano da Escola**: observações preliminares para uma Proposta de Intervenção no Ensino Público, Dissert. Mestrado, São Carlos UFSCar, 1983.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PIMENTA, Selma Garrida; Gonçalves, Carlos Luiz. **Reverendo o Ensino do 2º Grau Propondo a Formação de Professores**. 2. ed. Editora Cortez, São Paulo, 1992.

SARMENTO, M. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, n. 21, pp. 1-18, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do Senso Comum à Consciência Filosófica, Editora Cortez, São Pulo, 1980.